



**Jean Rouch e o cinema etnográfico.
Das (Inter)Culturas à Criatividade e Realidade Partilhadas**

Natália Ramos¹

Resumo

O texto é dedicado ao antropólogo e cineasta francês Jean Rouch (1917-2004). São apresentados de forma sumária alguns fundamentos, características e teorias da sua longa, complexa e inovadora obra cinematográfica. Analisam-se alguns dos principais contributos para o desenvolvimento da pesquisa e cinema etnográfico, da antropologia visual e dos estudos (inter) culturais.

Palavras-Chave: Jean Rouch; Cinema Etnográfico; Antropologia Visual

Abstract

The text is dedicated to French anthropologist and filmmaker Jean Rouch (1917-2004). It presents in summary form some characteristics, theories and foundations of its long, complex and innovative cinematographic work. Some of the main contributions to the development of ethnographic research and cinema, visual anthropology and (inter) cultural studies are analyzed.

Key words: Jean Rouch; Ethnographic Cinema; Visual Anthropology.

Introdução

Jean Rouch, nascido em Paris em 1917 e falecido no Níger em 2004, constitui uma referência incontornável do cinema etnográfico, deixando na descrição e narração cinematográficas e na pesquisa etnográfica marcas únicas de criatividade, de inovação, de experimentação, de improvisação, de liberdade, de abertura, de sensibilidade poética, de diálogo e pluralidade científica, técnica, artística e (inter)cultural.

¹ Professora Associada da Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Lisboa, Portugal. Coordenadora Científica do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, CEMRI, Universidade Aberta. Doutorada em Psicologia Intercultural, Université de Paris V, Sorbonne. Formação em Antropologia Fílmica, École Pratique des Hautes Études, Sorbonne, Paris, e Université de Paris X, Nanterre. E-mail: natalia@uab.pt



Ao longo de toda a sua vida, o homem, o engenheiro (formado na *École Nationale des Ponts et Chaussées*), o antropólogo e o cineasta multifacetado viveu e trabalhou entre diversos países e culturas, traçou um longo, criativo, dinâmico, complexo e heterogéneo caminho de abertura ao Outro, à diversidade cultural e à alteridade, promoveu relações de comunicação e contacto intercultural, construiu pontes entre a realidade e a ficção, abrindo perspectivas para a etnoficção, e desenvolveu novas experiências, métodos e técnicas etnográficas e cinematográficas.

O cinema de Jean Rouch traz, sem dúvida, também as marcas biográficas de uma vida, personalidade e formação marcadas desde o nascimento e juventude pela diversidade, por mobilidades espaciais, culturais e políticas, pelo contacto, curiosidade e interesse pelas artes e poesia, pela diversidade cultural e científica, pelas relações entre o Eu e o Outro, pelo *sonho* e desejo de criação, de ultrapassar o convencional, o estabelecido, e de conhecimento do Outro, mais perto ou mais longínquo. Como refere o próprio (Rouch (1981):

fui formado por pessoas que eram grandes pesquisadoras e que eram ao mesmo tempo grandes poetas, porque esta resistência aos esforços alternados não é outra coisa senão poesia. Fui formado na escola dos que procuram olhar efectivamente para além das ideias preconcebidas de modo a ver e a procurar se há alguma coisa.

Influenciado pela abordagem cinematográfica do geógrafo irlandês Robert Flaherty (1884-1951) e do *homem da câmara* (1929), o cineasta russo Dziga Vertov (1895-1954), Jean Rouch abriu novas fronteiras e perspectivas inovadoras e fundamentais para a pesquisa, a prática e a reflexão antropológicas, bem como para o cinema, sobretudo de cariz etnográfico, e para as relações entre o pesquisador e a comunidade estudada, no que designou de *antropologia partilhada*. Fortaleceu esta metodologia da observação participante, compartilhada e colaborativa, de visualização e partilha das imagens recolhidas com os participantes do filme, a partir dos procedimentos iniciados por Flaherty, pioneiro no filme etnográfico e documentário, no seu filme *Nanook of the North* (1922).

Outros mestres e mentores da etnografia e da utilização da câmara na pesquisa etnográfica e nos estudos comparativos foram importantes na formação e obra de Jean Rouch e no seu papel crucial no desenvolvimento dos fundamentos de um novo campo disciplinar denominado de Antropologia Visual. Não podemos deixar de mencionar o médico e etnólogo francês Félix-Louis Regnault (1896), um dos primeiros autores a sublinhar o interesse do filme com objetivos de pesquisa etnográfica. Outros se seguiram, como Marcel Mauss (1968), André Leroi-Gourhan



(1948), Margaret Mead e Gregory Bateson (1942, 1951, 1954, 1979) e Marcel Griaule (1957) (seu director da tese de doutoramento sobre os *Songhay*, defendida na Sorbonne em 1952).

Estas marcas próprias, criativas e subjetivas na pesquisa, descrição e linguagem cinematográficas, no modo dinâmico, lúdico e interativo de utilização da câmara, na enorme variedade de representar e descrever a vida e a sociedade nos mais diferentes contextos, lugares e problemáticas, de captar e observar os indivíduos e os grupos nas suas múltiplas atividades, interações, comportamentos, rituais e sentidos, estão presentes nas dezenas de filmes realizados ao longo de quase cinquenta anos de atividade cinematográfica, numa extensa obra realizada na Europa e, sobretudo, em África. Estas marcas, sonhos e criatividade estão presentes desde a realização do seu primeiro filme, rodado no Níger, em 1947 (Rouch, *Au Pays des Mages Noirs/No País dos Magos Negros*), até ao seu último em 2002 (Rouch, *Le Rêve plus Fort que la Mort/O Sonho mais Forte que a Morte*), apresentado no Níger quatro dias antes da sua morte, apelando ambos à mítica África Ocidental que Rouch tanto amou e deu a conhecer.

Na longa e intensa produção de trabalho cinematográfico e antropológico, Rouch acompanhou e participou na evolução e aperfeiçoamento da linguagem e técnica cinematográficas, dos materiais de gravação da imagem e som, deixando um variado e riquíssimo acervo de imagens e sonoridades, com mais de uma centena de filmes, e privilegiando como contextos culturais alguns lugares e países sobretudo da África Ocidental, nomeadamente o Níger, a Nigéria, o Mali, a Costa do Marfim, a Guiné e o Gana, mas também da África Oriental, como Moçambique, e alguns países europeus, sobretudo a França, mas também Portugal (Rouch e Oliveira, 1996) e a Alemanha. São contextos e objetos de pesquisa onde estão presentes o interesse pelo contacto e comunicação com as diversas culturas e a vontade de conhecê-las, compreendê-las, divulgá-las e preservá-las. Os rituais de possessão, os mitos e o sobrenatural, questões sociais como as migrações, o racismo e a morte, bem como as relações coloniais, interpessoais, intergrupais, intergeracionais e interculturais, tiveram um lugar de destaque na sua obra, sendo, contudo, a África, sobretudo a África Ocidental e particularmente o Níger, com a sua cultura, os seus mitos e rituais, os seus génios e espíritos, o contexto e objeto de pesquisa mais privilegiado e acarinhado por Jean Rouch.

Foi no Níger, país e rio tão amados e tão presentes ao longo da sua vida e obra, e considerados mágicos para Rouch, que este morreu, tendo aí sido sepultado, em fevereiro de 2004, no cemitério cristão de Niamey:



no país do nada, podemos sonhar, podemos inventar. E neste país do nada, temos o rio e o rio é um milagre: o Níger é mágico. Neste país as pessoas não têm nada, mas são felizes. Foi por isso que decidi ficar. Existe no mundo pequenos paraísos e o Níger é um deles. Nestes países as pessoas não têm medo da morte, já que consideram que a morte é necessária para que a vida exista (Rouch, in Bregstein, 1986).

Entre imagens e culturas

A imagem animada sonora constitui um instrumento e método para estudar, observar, partilhar, descrever, analisar de forma rigorosa, repetida, diferida, minuciosa, o ser humano, os seus comportamentos, as suas atividades, as suas representações, as suas formas de comunicar e as relações que estabelece com os outros e com o seu meio. O cinema, sobretudo etnográfico implica um método, uma maneira de fazer, de apreender e de conhecimento, de reproduzir e de tratar o real, revelando a maneira de pensar, a ideologia, a cultura, as representações e o imaginário individual e colectivo, bem como a relação do Eu e do Outro, do particular e do universal, do indivíduo com a sociedade. O filme de cariz etnográfico representa um meio de comunicação com o Outro e um instrumento de comunicação intercultural por excelência, proporcionando ao mesmo tempo, uma experiência de descentração, graças à comparação inter/transcultural que proporciona, ajudando o pesquisador/cineasta a relativizar as ideias recebidas e pré-concebidas, a sair da centração inicial que adopta em relação aos seus pontos de vista, a ultrapassar o etnocentrismo e a combater preconceitos e estereótipos em relação ao Outro e à diversidade cultural.

O filme é memória individual e colectiva, constitui um testemunho social, cultural, histórico e subjetivo, apreendendo o real, o visível, o efémero ou ostensivo de uma cultura e de uma sociedade, dando conta das suas representações, expectativas, dinâmicas e processos conscientes e inconscientes. Com efeito, os filmes reflectem a sociedade em que estão inseridos, colocando em destaque os aspectos mais visíveis, objetivos e conscientes, mas, igualmente, os mais escondidos e obscuros, ilustrando de algum modo, o inconsciente e implicando uma dimensão expressiva e subjectiva. Duplicam as possibilidades de análise através das múltiplas perspectivas de análise que permitem e da possibilidade de análise das imagens por outros investigadores-cineastas. A imagem animada sonora vem favorecer a observação e a compreensão dos mecanismos de aprendizagem e aquisição dos saberes e dos processos de transmissão (Rouch, 1968, 1979; France, 1979, 1989, 2000; Mead, 1979; Comolli, 1983, 1995, 2000; Ramos, 2005, 2010; Ramos & Serafim, 2007, 2009).



A utilização da câmara nos estudos etnográficos era para Rouch um instrumento valioso para captar e desvendar aspetos da sociedade, das instituições e dos seres humanos, por vezes à margem, difusos ou ostensivos, para trazê-los para o campo do visível e para enriquecer o conhecimento da sociedade e do ser humano, na sua unidade e diversidade, universalidade e especificidade, nos seus diferentes contextos, partilhando-os com as pessoas filmadas, mas também com outros pesquisadores e com a comunidade em geral. Considerando ser indispensável partilhar, discutir e devolver as imagens e o produto realizado aos seus protagonistas, ao fazê-lo, introduzem-se novas relações e novos métodos de trabalho, que Rouch (1979) denomina de *antropologia partilhada*.

Para este autor, fazer um filme é contar uma história, uma história que deve ser mostrada aos indivíduos que nela participam e que deve ser construída e narrada a partir das interações do autor com os participantes do filme. Deste modo, ao restituir-se o conteúdo fílmico, ao discutir-se com os participantes filmados no momento do visionamento das imagens, poder-se-á construir um outro discurso, enriquecer a descrição e a análise, tornando-se o filme fruto da colaboração entre o investigador e os sujeitos filmados, numa relação de intersubjetividade.

Para Rouch, a câmara é um instrumento de participação, de comunicação espacial e temporal, de diálogo cultural, social e afectivo e movimenta-se, está nas mãos do investigador, que a torna ativa, participante e viva quanto os homens que ela filma, como refere: "para mim, a única maneira de filmar é de caminhar com a câmara, de a conduzir aonde ela é mais eficaz e de improvisar-lhe um outro tipo de bailado, onde a câmara se torne tão viva quanto os Homens que ela filma" (Rouch, 1979).

Através da *câmara participante*, através da *camara entre os Homens*, na expressão de Rouch, o investigador tem à sua disposição um instrumento que lhe oferece a possibilidade de comunicar, de partilhar com o grupo estudado as imagens captadas, o filme que realizou com este: "o filme é o único meio de que eu disponho para mostrar ao Outro como eu o vejo. Para mim o meu público é primeiramente (após o prazer do cine-transe na filmagem e na montagem) o Outro, aquele que eu filmo" (Rouch, 1979).

Rouch (1947, 1949, 1968, 1979, 1987, 1996, 2005, 2008) foi pioneiro e inovador na utilização do filme como método de investigação etnográfico, muito em particular nas atividades rituais e de transmissão, na comunicação verbal e não-verbal. Interessou-se particularmente pelos cerimoniais religiosos e pelos rituais de iniciação praticados pelos *Songhay* (Níger), colocando simultaneamente em evidência a organização dos processos de aquisição e transmissão dos rituais e os



gestos e as modalidades de aprendizagem. Rouch destacou igualmente a análise através do filme dos gestos e das aprendizagens, mesmo as mais discretas e referentes a atividades rituais e quotidianas, evidenciando como a câmara permite registar e reproduzir manifestações visíveis, tanto estáticas como em movimento e contínuas, recolher elementos contextuais, interativos e comunicacionais, descrevê-los e analisá-los, tanto os mais discretos e escondidos como os mais manifestos e visíveis.

A importância acordada por Rouch ao filme etnográfico nos processos de aprendizagem e transmissão foi prosseguida por Comolli (1972, 1973, 1974, 1983, 1995, 2000), através dos seus trabalhos relativos à aprendizagem das técnicas materiais, corporais e rituais e à exploração fílmica das aprendizagens, sejam estas actividades difusas ou actividades pontuais, profanas ou sagradas. Para esta autora, o filme constitui um instrumento privilegiado para lançar um novo olhar sobre a formação do Homem pelo Homem, vindo colocar em evidência, como a aprendizagem, nomeadamente familiar, favorece a transmissão do saber, da tradição oral ao comportamento gestual, e como frequentemente os actos de transmissão e os actos de aquisição são independentes da consciência que têm os agentes de os realizar.

A antropologia visual, o filme etnográfico, particularmente a obra de Rouch, fornece igualmente contributos fundamentais para a compreensão de como cada cultura se representa a si mesma e representa o Outro e a alteridade, para a reflexão sobre o contacto de culturas e a mobilidade humana, favorecendo igualmente a descoberta do Outro, o reconhecimento da alteridade e a descentração, indispensáveis na relação e comunicação humanas.

Esta importância é igualmente sublinhada por Claudine de France (1989), ao afirmar: "A confrontação do nosso olhar com o olhar dos outros sobre eles próprios e sobre nós, constitui o verdadeiro projeto da antropologia fílmica, já que ela abre uma via sem limitações para uma troca de olhares com possibilidades ilimitadas."

Sobre a preocupação com os movimentos migratórios, a preservação e transmissão das culturas tradicionais, num tempo em que estas tendem a modificar-se, a desaparecer, ou a entrar em conflito com as industrializadas, Rouch (1981) interrogava-se:

Como é que as culturas podem sobreviver e continuar a ser transmitidas quando estão em contacto com uma cultura tão predadora como a nossa? (...) Quando fiz filmes como *Jaguar* ou *Moi, un Noir*, foi para mostrar como era difícil este contacto entre uma cultura tradicional e uma cultura industrial, e eu não tinha senão estes dois filmes de ficção para responder a esse problema essencial na África actualmente.



Nos filmes *Moi, un Noir* (Eu, um Negro), (1957), *La Pyramide Humaine* (A Pirâmide Humana), (1960) e *Jaguar* (1970), Rouch aborda as questões dos movimentos migratórios para a cidade e de relações interculturais e coloniais, de realidades locais, através de narrativas ficcionadas, do que alguns autores denominam de etnoficção (Sjöberg, 2009).

Em *Moi, un Noir* (1957), por exemplo, o autor tenta reconstruir esperanças, identidades e conflitos e de um grupo de jovens nigerianos que emigra para a Costa do Marfim, dando-nos a conhecer igualmente Treichville e os seus habitantes. O filme revela-nos não só as condições de vida e de trabalho destes jovens migrantes africanos, a sua situação de isolamento e desenraizamento e as dificuldades de adaptação na cidade, como vai captar representações individuais e colectivas, desejos, realidades e ficção do universo que envolve estes jovens.

O filme *La Pyramide Humaine* (1960) aborda as relações entre dois grupos de estudantes europeus e africanos, de um liceu na cidade de Abidjan, Costa do Marfim, através da introdução no filme de uma personagem ficcional, a chegada de uma jovem estudante francesa à cidade de Abidjan, servindo de ponto de partida para uma experiência provocada e improvisada.

Em *Jaguar* (1970), Rouch apresenta a narrativa da migração e aventura de jovens que saíram do Níger para procurar trabalho e melhores oportunidades de vida nos centros urbanos na costa oeste africana (Gana), improvisando nas filmagens e sonorização.

Tal como Félix- Louis Regnault e Margaret Mead, Rouch propõe a criação de arquivos de imagens e filmes de cariz antropológico e documentário nos museus etnográficos, com o objetivo de pesquisar e estudar as diferentes sociedades humanas e de preservar esse conhecimento para o futuro e para outros pesquisadores. O filme é *arquivo*, é memória individual e colectiva. O documento fílmico, como defendia Mead (1979), permite salvaguardar comportamentos e tradições para as gerações futuras, numa época em que se tende para uma certa uniformização das culturas, em que as mudanças nos modos e estilos de vida e educação são rápidos, e em que tendem a perder-se tradições e comportamentos insubstituíveis e que não poderão ser reproduzidos.

Para além da diversidade e importância dos trabalhos produzidos e da contínua inovação nas técnicas e procedimentos de pesquisa e realização etnográfica, Jean Rouch esteve na criação e desenvolvimento de estruturas fundamentais para a formação e a pesquisa nesta área e para o desenvolvimento da antropologia visual, sobretudo na França, mas também noutros países europeus,



africanos e americanos e da América Latina, onde colaborou em diversas iniciativas e foi fonte de influência. Esteve na criação em França do *Comité du Film Ethnographique*, do *Bilan du Film Ethnographique*, do *Festival du Documentaire - Cinéma du Réel*. Foi Presidente da *Cinémathèque Française*, Paris.

Em 1947, entra como investigador ao CNRS em Paris. Em 1963, cria o *Laboratoire Audiovisuel* da *École Pratique des Hautes Études*, na Sorbonne em Paris. Em 1971, Jean Rouch, cria na *Université Paris X*, Nanterre, a *Formation de Recherches Cinématographiques* (FRC), centro de investigação do qual será o primeiro diretor, seguindo-se Claudine de France e Annie Comolli. Cria em 1976 o *Diplôme d'Etudes Approfondies* (DEA) e o *Doctorat de Cinéma Anthropologique* na *Université de Paris X*, Nanterre. Cria igualmente uma formação semanal em cinema antropológico e documentário na *Cinémathèque Française*, em colaboração com Enrico Fulchignoni e Henri Langlois.

Considerações finais

No começo do século XXI, no mundo globalizado, multicultural e em rede, numa época em que as sociedades sofrem grandes transformações sociais, culturais, tecnológicas e educacionais, fenómenos acelerados de urbanização, migração e intensificação da diversidade cultural e da interculturalidade, é fundamental que as ciências e as diferentes disciplinas, particularmente as ciências sociais e humanas, rompam com um modelo etnocêntrico de pesquisa. É fundamental elaborar, em cooperação com outras disciplinas, outros saberes, outros atores sociais e através do recurso a outras linguagens e instrumentos e à aliança de novos métodos e técnicas, nomeadamente etnográficos e cinematográficos, respostas a questões e problemas que se colocam aos indivíduos, aos grupos, às culturas, às sociedades e ao conhecimento nos diferentes contextos e lugares, e promover o desenvolvimento da pesquisa e da formação nestes domínios.

A obra e o pensamento de Jean Rouch vêm dar um contributo importante neste âmbito e são fundamentais para o desenvolvimento da antropologia visual, da utilização da imagem animada sonora na pesquisa (inter) cultural e etnográfica e na realização de filmes etnográficos, filmes que, segundo Rouch, (1979) *devem articular a linguagem cinematográfica com o rigor científico*, destacando ainda o autor que:

somos bastantes a acreditar que o mundo de amanhã, esse mundo que estamos hoje a construir, só será viável se tiver em consideração as diferenças existentes entre as culturas e os Homens, se estiver decidido a não negar o Outro transformando-o à sua imagem. Ora, para isso é necessário conhecê-lo, e para esse



conhecimento não existe melhor meio que o filme etnográfico (Rouch, 1979).

Jean Rouch, o sonhador, o homem sem fronteiras, o arquiteto das imagens, das sonoridades e das pontes, o mestre sábio, aberto e criativo, está vivo através da sua obra, e na memória dos que com ele conviveram, trabalharam ou aprenderam.

Querido Professor: "O Sonho é mais Forte que a Morte".

Bibliografia

Archives Françaises du Film (2010). *Découvrir les films de Jean Rouch: collecte d'archives, inventaire et partage*. Paris: CNC.

Bateson, G.; Mead, M. (1942). *Balinese character, a photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences.

Colleyn, J.P. (2009). *Jean Rouch: cinéma et anthropologie*, Paris: Éditions du Cahiers du Cinema/INA.

Comolli, A. (1983). *Les gestes du savoir*. La Garenne-Colombes : Publidix.

_____. (1995). *Cinématographies des apprentissages. Fondements et stratégies*. Paris : Arguments.

_____. (2000). A pesquisa fílmica das aprendizagens. In C. de France (Org.). *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 77-99.

Devanne, L. (1979) Jean Rouch, cinéaste. *Cahiers du Cinéma* n° 296

France, C. de (Dir.), (1979). *Pour une Anthropologie visuelle*. La Haye: Mouton Mouton Ed. et EHESS.

France, C. de (1989). *Cinéma et anthropologie*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.

_____. (2000), (Org.). *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Ed. UNICAMP Papirus.

Griaule, M. (1957). *Méthode de l'ethnologue*. Paris: PUF.

Henley, P. (2009). *The adventure of the real: Jean Rouch and the craft of ethnographic cinema*. Chicago: University of Chicago Press.

Leroi-Gourhan, A. (1948). Cinema et sciences humaines. Le film ethnographique existe-t-il? *Revue de géographie humaine et d'ethnologie*. 3 : 42-51.

Mauss, M. (1968). *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF.

Mead, M., MacGregor, F. (1951). *Growth and culture. A photographic study of balinese childhood*. New York: G.P. Putman's Sons.

Mead, M. (1979). L'anthropologie visuelle dans une discipline verbale. In *Pour une Anthropologie visuelle*. C.de France (Dir.). La Haye: Mouton.

Pascal-Emmanuel, G. (Dir.), (1981). Jean Rouch, une rétrospective. Paris: Ministère des Affaires Étrangères, Animation Audio-Visuelle.

Predal, R. (1996). *Jean Rouch ou le cinéma plaisir*. Paris : Ed. Charles Corlet



Ramos, N. (2005). Contribuição do método fílmico para o estudo das representações sociais: perspectivas teóricas e de pesquisa. In A. Moreira *et al.* (Org.) *Perspectivas teórico metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: EDUFPB, p. 365-400.

_____. (2010). Cinema e Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas: Contribuição do Filme Etnopsicológico para o Estudo da Infância e Culturas. *Contemporânea. Revista de Comunicação e Cultura*, 8 (2): 1-28, Salvador, UFBA.

Ramos, N., Serafim, J. (2007). Cinema documentário, pesquisa e método Desafios para os estudos interdisciplinares. *Revista Contracampo*, v. 2, nº 17: 163-178.

_____. (2009). Cinema e mise en scène: Histórico, método e perspectivas de pesquisa intercultural. In *Revista de Artes Cênicas - Relatório - Corpo e Cena*, 12 (13): 89-97, UFBA, Salvador.

Regnault, F.L. (1896). Les attitudes du corps dans les races humaines. *Revue Encyclopédique* : 9-12.

Rouch, J. (1968) *Le film ethnographique*. In Poirier, J. (ed). *Ethnologie générale*. Paris : Gallimard.

_____. (1971). L'éthnologie au service du rêve poétique. *Le Devoir*, Journal du 18 septembre, Montréal.

_____. (1979). La caméra et les hommes. In C. de France (Ed). *Pour une anthropologie visuelle*. La Haye : Mouton Éditeur, EHESS, 53-71.

Rouch, J. Wanono, N., Dieterlen, G. (1987). *Ciné-rituel de femmes dogon*, Paris : CNRS Editions.

Rouch, J. (1996). *La religion et la magie Songhay*. Bruxelles : Université de Bruxelles.

_____. (2005). *Les Songhay*. Paris : L'Harmattan

_____. (2008). *Alors le Noir et le Blanc seront amis - Carnets de mission 1947-1951*. Paris : Ed. Fayard.

Sauvy, J. (2006). *Jean Rouch tel que je l'ai connu*. Paris : L'Harmattan.

Scheinfeigel, M. (2008). *Jean Rouch*. Paris: CNRS Éditions

Sjöberg, J. (2009). *Ethno fiction: Genre hybridity in theory and practice based research*. School of Arts Histories and Cultures, University of Manchester.

Filmografia

Bregstein, Ph. (1986). *Jean Rouch et sa caméra au cœur de l'Afrique*. Video en collaboration avec la télévision néerlandaise, 74min.

Farthey, R. (1922). *Nanook of the North*, 35 mm, pb, 55 mn.

Bateson, G., Mead, M. (1938). *First days in the life of a New Guinea baby*. 35 mm, pb, 14 mn.

_____. (1939). *Learning to dance in Bali*. 35 mm, pb, 20 mn.

_____. (1939). *Karba's first years*. 35 mm, pb, 20 mn,

_____. (1954). *Bathing babies in three cultures*. 35 mm, pb, 10 mn.

Comolli, A. (1972). *Initiation aux techniques domestiques*. U-matic, pb, 40 mn.



- _____. (1973). *Initiation aux soins corporels*. VHS, pb, 20 mn.
- _____. (1973). *La petite ménagère*. 16 mm, c, 30 mn.
- _____. (1974). *La toilette*. 16 mm, c., 20 mn.
- Rouch, J. (1947). *Au pays des Mages Noirs*. Actualités Françaises, 13min.
- _____. (1949). *Initiation à la danse des possédés*. CNRS, CFE, 22min.
- _____. (1959). *Moi, un noir*, Les Films de la Pléiade. 71min.
- _____. (1960). *La pyramide humaine*. Les Films de la Pléiade, 90min.
- _____. (1970). *Jaguar*, Les Films de la Pléiade. 92min.
- _____. (1977). *Margaret Mead: a Portrait by a Friend*. American Museum of Natural History, 30min.
- Rouch, J., Oliveira, M. (1996). *En une poignée de mains amies, fleuve qui, par-dessous les ponts, ouvre la porte de la mer*. Instituto Francês do Porto, CNRS, CFE, 30min.
- Rouch, J., Surugue, B. (2002). *Le rêve plus fort que la mort*. AMIP, CNRS, IRD, CFE, Cléa Productions, 88min
- Vertov, D. (1929). *L'Homme à la camera*. pb, 95 mn.